

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ

bulunga

junho de 2025 - número 42



entrevista com um sujeito

FRACASSADO

EDITORIAL

Uma terceira grande guerra mundial está para eclodir a qualquer momento, depois que os EUA resolveram atacar o Irã, mas tem gente mais preocupada com as questões da diversidade e de outras causas minoritárias, e é por isso que iremos todos nos lascar, pois a imbecilidade vai gradativamente tomando conta de todos os territórios, de uma forma mais rápida e eficiente do que os exércitos, com seus poderosos mísseis, aviões, navios e tanques de guerra.

Perguntaram a Einstein como ele imaginava que aconteceria um eventual terceiro conflito mundial, e ele disse que não sabia como seria, mas que uma quarta guerra haveria de ser travada com paus e pedras. Talvez nem isso. Depois dessa guerra, possivelmente, só teremos seres unicelulares realizando o processo de fagocitose.

entrevista com um sujeito

FRACASSADO

Ele já votou em candidato da direita, do centro e da esquerda, mas sempre se deu mal, porque mais tarde descobriu que eles compartilhavam o mesmo ideal: a corrupção e a sede de poder. Abriu uma franquía de uma grande rede de chocolates e quebrou em menos de um ano. Comprou um carro de uma marca francesa e só teve problemas, e depois o trocou por um carro elétrico chinês e o veículo pegou fogo na garagem de sua casa, tendo perda total, mas o seguro não quis cobrir.

Casou-se com a namorada da infância e foi trocado por um personal trainer bombado e todo tatuado, e para piorar a situação o caso saiu em todos os canais de TV e nas redes sociais, porque o cara estava envolvido em um escândalo da distribuição de anabolizantes para uso veterinário em academias. Enfim, o nosso entrevistado é azarado até falar chega,

mas resolvemos conversar com ele assim mesmo, correndo o risco de pegarmos um pouco dessa sua zica, pois tínhamos o objetivo de desvendar os mistérios que levam tamanhos infortúnios a se concentrarem em uma só pessoa.

BULUNGA – Você se considera um cara desprovido de sorte?

FRACASSADO – A sorte envolve a matemática das probabilidades. Ninguém consegue ter apenas sorte ou azar ao longo da vida, mas é possível que se tenha maior número de infortúnios do que de sucessos, ou o contrário, em proporções razoáveis.

BULUNGA – No seu caso, qual seria esse índice aceitável?

FRACASSADO – Posso apenas dizer que a minha vida tem sido marcada por maior volume de experiências ruins do que boas. O

índice clássico aceitável é de 1 por 3, mas isso ainda pode variar de pessoa para pessoa, sem desconsiderarmos as questões políticas, econômicas e geográficas, que são capazes de influenciar decisivamente os resultados. Veja o exemplo de Cuba, Venezuela, Nicarágua, Coreia Norte: não tem como o sujeito não ser um fracassado nesses lugares.

BULUNGA – Você só citou países que professam a "religião" comunista. E o Brasil?

FRACASSADO – O Brasil está ganhando destaque nesse cenário do fracasso. Em breve, estará no pódio, conquistando os primeiros lugares.

BULUNGA – Cite alguns exemplos de fracassos que marcaram a sua vida.

FRACASSADO – Eu sempre votei nos caras

errados. Os meus candidatos, após assumirem, resolveram fazer acordos escusos e partiram para a roubalheira. Nunca dei sorte com a política.

BULUNGA – Mas até aí é absolutamente previsível. Não foi só com você.

FRACASSADO – Teve uma época em que comprei um carro que tem a marca de um felino, o design era muito bonito, mas o bicho era complicado, dava muito defeito, e na hora de vender ou trocar ninguém queria, e foi uma dificuldade danada para me livrar dele. Depois, resolvi comprar um carro elétrico, de uma marca oriental, pois estavam fazendo uma propaganda danada, oferecendo descontos sensacionais, e aí caí que nem um pato. Com pouco tempo de uso, o carro pegou fogo na garagem da minha casa e nem os bombeiros conseguiram apagar. Resultado: o seguro não quis pagar o prêmio e a fabricante alegou que

o motivo seria uma falha na rede elétrica de meu prédio. Quando fui acionar os responsáveis pela empresa, eles só me responderam assim: "Non tem galantia! Non tem galantia!"

BULUNGA – E como foi a sua experiência com o comércio?

FRACASSADO – Sempre quis montar um negócio, mas não tinha muito ideia do que fazer, e foi quando uma amiga mostrou-me o folheto de uma grande empresa do ramo de chocolates que estava abrindo franquias. Achei a ideia interessante, o preço era acessível e os representantes garantiram que eu teria todo o know-how a meu favor, e que em pouco tempo eu estaria rico.

BULUNGA – E o que deu errado?

FRACASSADO – O problema é que eles nos

obrigavam a fazer mais e mais e mais estoque dos seus produtos mesmo sem eu ter conseguido me estabelecer. Obrigavam-me a comprar lotes de produtos que estavam próximos do vencimento, e aí chegou uma hora em que o depósito da loja estava abarrotado de produtos apodrecidos e havia dezenas de faturas para pagar sem ter vendido quase nada.

BULUNGA – Mas você não percebeu logo de cara que era uma "furada"?

FRACASSADO – Eles fazem uma verdadeira hipnose na gente e só muito tarde conseguimos perceber o buraco em que entramos.

BULUNGA – E a questão do casamento: o que aconteceu?

FRACASSADO – Aconteceu que eu perdi a minha mulher para um personal trainer. Esse negócio de homem ficar monitorando mulher

suada, com roupas apertadinhas, não pode dar certo.

BULUNGA – O problema foi o escândalo que envolveu esse caso. O cara era uma espécie de traficante de anabolizantes para animais, não foi isso?

FRACASSADO – Não foi moleza. Por onde eu passava as pessoas riam de mim. Pensei até em me tornar um humorista, montando um show de stand-up para falar da minha experiência de corno, mas não deu certo.

BULUNGA – Parece que certa vez você acertou todos os números do prêmio da loteria...

FRACASSADO – Sim. Eu sempre jogava os mesmos números, toda semana, durante mais de dez anos, mas naquele dia não saí para o almoço na empresa, quando faria o jogo na loja

da esquina, e não deu tempo de fazer após o expediente, pois já estava fechada. E os números sorteados foram exatamente aqueles que eu sempre jogava... o prêmio estava acumulado há mais de seis meses e seria um valor absurdo.

BULUNGA – E parece que você também sofreu muito bullying na infância...

FRACASSADO – As crianças do bairro e da escola não me deixavam em paz, porque eu tinha as orelhas grandes e me chamavam de "Dumbo" e "A Noviça Voadora", que eram os nomes de um filme e de uma série que faziam muito sucesso na época. Sofri muito com isso.

BULUNGA – Ah, mas você não tem orelhas tão grandes assim. Tem a vantagem de, na hipótese de pular de paraquedas e ele falhar, poder chegar ao solo com segurança.

FRACASSADO – Você sempre foi engraçadinho assim?

BULUNGA – Só depois de velho. Mas vamos aos fatos: o que mais deu errado na sua vida?

FRACASSADO – Tentei ser cantor, motorista de caminhão, animador de festas, ourives, lavador de carros, protético, massagista, eletricista, mas nada deu certo.

BULUNGA – E na vida sentimental, além desse casamento, nunca teve um relacionamento positivo?

FRACASSADO – As mulheres não me levavam a sério. Eu era muito romântico, e elas queriam um cara mais engraçado e com mais "pegada"...

BULUNGA – Você tentou tantas coisas: por quê não um palhaço? Eles tem fama de ser "ladrões de mulher"...

FRACASSADO – Eu tentei. Passou um circo pela minha cidade e eu pedi para seguir com eles. Tentei ser trapezista, malabarista, domador de leões, engolidor de espadas e, por fim, palhaço, mas era muito sem graça.

BULUNGA – E como conseguiu se manter até agora?

FRACASSADO – Consegui entrar para uma repartição pública, e lá ninguém me notava. Minha mesa ficava em um canto, os anos foram passando e após uma média de seis cafezinhos diários, depois de 35 anos, consegui me aposentar.

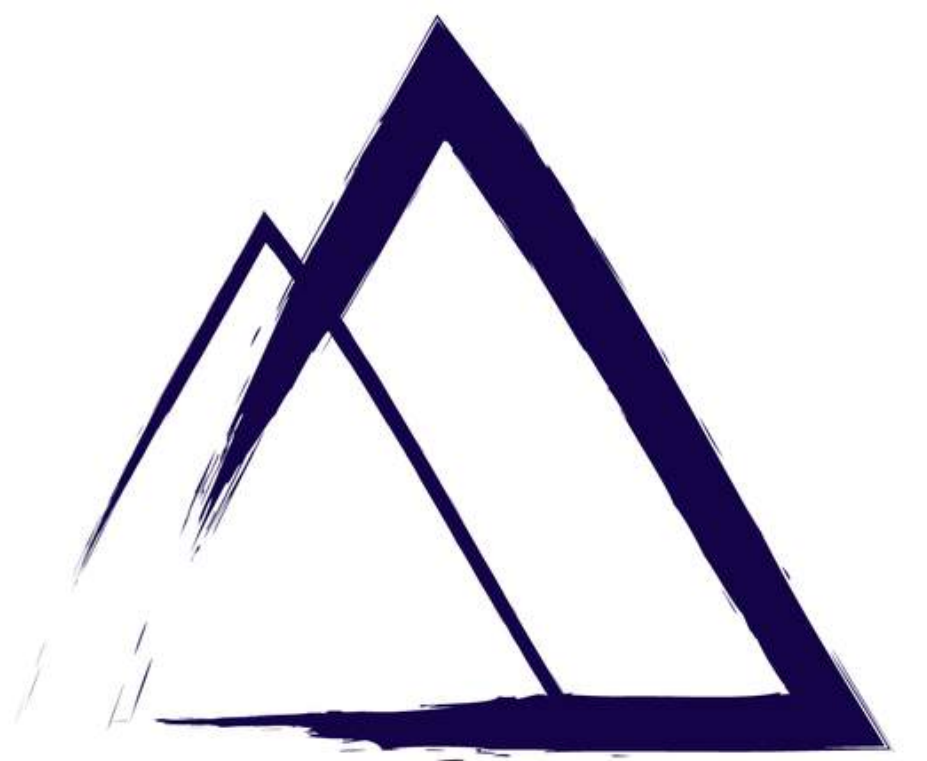
BULUNGA – Então não foi um fracasso total...

FRACASSADO – Depende do ponto de vista... visto de baixo, foi até legal...

BULUNGA – O bom é que você é um cara

extremamente otimista!

FRACASSADO – (desanimado) Muito. Muito otimista...



INTERNÚCLEO
CONSERVADORA E ADMINISTRADORA

(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)



O **Programa Pânico** teve origem na Rádio Jovem Pan, em 1993, com Emílio Surita, Marcelo Batista (Cabeça) e Fernando Mello (Maestro Billy), sendo que o primeiro ficava na emissora atendendo aos telefonemas e xingando os ouvintes, enquanto os ou-



Vesgo e Sílvio

tos dois ficavam na Avenida Paulista, zoando com os transeuntes. Mais tarde, foram sendo agregados novos participantes, como Ricardo Zanela (Piru), Marcos Chiesa (Bola), Lismara de Oliveira (Paty Lane), Marcos Aguená (Japa), Marvíio Lúcio (Carioca), Wellington Muniz (Ceará), Vinícius Vieira (Zé Fofinho), Carlos Alberto da Silva (Mendigo), Rodrigo Scarpa (Repórter Vesgo), além de Mariana Kupfer, Sabrina Sato, Nany People e Marina Mantega, entre outros.



Vinícius e Mendigo

Em 2003 surgiu o projeto do programa para Pânico na TV, na Rede TV, de 2003 a 2011, e de 2012 a 2017, na TV Bandeirantes, quando se tornou o Pânico na Band. Vários participantes do programa da rádio migraram para a TV, que também ganhou um grande reforço com Daniel Zukerman (Impostor), Gui Santana, Tiririca, Igor Guimarães (Boneco Josias), Fábio Rabin, Paulinho Serra, Eduardo Sterblitch, Evandro Santo (Cristian Pior), Daniel Peixoto (Alfinete), Rogério Morgado, Eros Prado e Marcelo Picon (Bolinha), que era diretor de externas e produtor do programa, mas que atuava com o elenco.



Eduardo Sterblitch (Fredy Mercury Prateado)

Indo muito além do humor politicamente incorreto da rádio, o programa fez um estrondoso sucesso com seu humor de quinta série e brincadeiras sadomasoquistas, quase sempre envolvendo as Panicats Lizi Benites (Piu-Piu), Daniele dos Santos (Dani Bolina), Daniela Souza (Mulher Samambaia), Juju Salimeni, Nicole Bahls, Fernanda Lacerda (Mendigata), Aline Mineiro, Arícia Silva, Babi Rossi e Babi Muniz, entre outras, colocadas em situações constrangedoras.



Carioca (Amaury Dumbo)

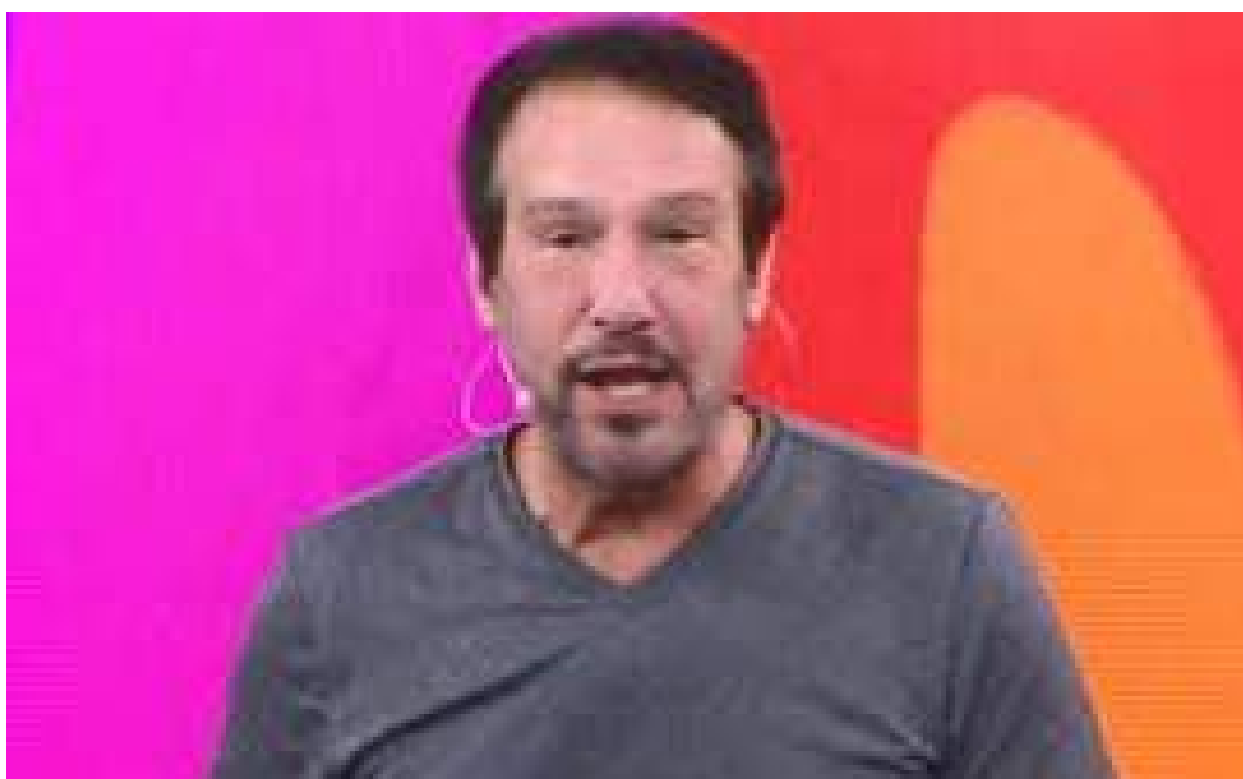
Emílio Surita, o gênio capaz de descobrir os tipos mais esquisito como Zina (Ronaldo, brilha muito no Corinthians), Charles Henriquiepédia, o japonêsinho Arex, entre outros, confessou a influência de Andy Kaufman, talentoso humorista americano absolutamente maluco, para seu projeto para a TV, além da cópia descarada de Jackass, no quadro "A Hora da Morte", com a curiosidade de que o mascarado que fazia a morte era ninguém menos do que o já consagrado ator global Henri Castelli. Mas com o tempo, foram sendo criados quadros ainda mais absurdos, conquistando uma legião de fãs que lamentaram profundamente o fim do programa, em 2017, após o desgaste do formato, os altos custos da produção, brigas internas e o desligamento de vários participantes.



Igor Guimarães (Boneco Josias)

Durante todo esse tempo, o programa continuou com sua participação na Rádio Jovem Pan, mas a partir de 2017 assumiu uma postura mais "política", passando a entrevistar personalidades da política, o que motivou a saída do Bola, que não se sentia à vontade com os temas, após 25 anos no programa. Mas o novo formato acabou dando certo e o programa se tornou o único símbolo de resistência da "direita" na mídia, sofrendo, com isso, ameaças e processos de toda a natureza.

O Programa Pânico é transmitido de segunda a sexta-feira, de 12 às 14 horas, na Rádio Jovem Pan ou no canal de vídeo do Youtube.



Emílio Surita



coluna do

ClodoKill

Fernandes

A FACE OCULTA DA TRANSPARÊNCIA

Já vi de tudo um pouco neste mundo, e a sinceridade é algo nada afeita à maioria. Não falo de alguém supersincero, 100% do tempo, até mesmo quando está a fazer as contas com o Leão. Não falo de sincericídio, que é o caso de pôr a corda no próprio pescoço e puxar, na esperança de ela se romper ou o nó afrouxar. Também não misturo alhos com bugalhos, e de pessoas que confundem sinceridade com falta de educação e grosseria.

De maneira geral, vivemos tempos em que não se sabe mais quantas máscaras usar, uma para cada situação, uma para cada relacionamento. Aquele cara legal no trabalho, que as colegas suspiram, limpa os fundilhos e em seguida cutuca a boca; xinga a mãe

das piores coisas e faz declaração de amor ao axolote; paga rodadas no bar, mas não assume a conta de água da casa. Tem lá sua razão. Mas um mancebo de 40 anos, vivendo à custa da aposentadoria paterna sem contribuir com um níquel, não tem nada a ver com os pais. Normalmente, esse indivíduo, que pode ser um coletivo (eita palavrinha disruptiva!), é o primeiro a reclamar quando chega em casa e a comida não está pronta, ou quando não encontra a cueca.

Dizem que se você quer conhecer alguém realmente sincero, deve visitar hospitais, prisões, asilos e abrigos. Como os nobres corações falam convictos daquilo que sequer imaginam, baseado nos telejornais, Tik Tok ou Instagram, a sinceridade deles é apenas o atestado de burrice jumentada, ops!, juramentada. Pelo visto, nunca se depararão com nada além das fantasias, teatros, fantoches e estúrdias não publicáveis. Talvez, por isso, a onda dos bonecos reborns ganha cada vez mais corações reborns e mentes unborns.

A verdade é que nem sei o que estou dizendo; mas, garanto, é sincero.

POLÍTICOS REBORN



A moda dos bebês reborn passou, principalmente depois que um bebum resolveu dar uma bicuda em uma criança de verdade que estava no colo da mãe, na fila do banco, mas agora surgiram os POLÍTICOS REBORN, que prometem ser a nova febre da estação: eles não fazem absolutamente nada, custam muito caro, mas conseguem mamar bonitinhos nas tetas do Estado.

O velho e a praia

Jorge F. Isah



ParTe XVII

— O que ele está fazendo aí? — Lurdinha olhou a TV e viu o Jimmy Smits interpretar, sempre com carisma e maestria, um promotor público, amigo de um serial-killer. Era o capítulo 6 da 3ª temporada, e somente agora ela dava pela coisa?

— Mas estamos no meio da temporada e você não percebeu que ele entrou?

— Não, não percebi, só vi agora.

Aquilo deixou Antenor preocupado. Seis episódios depois, e a mulher não se dera conta de que Smits era um dos protagonistas e quem mais aparecia?

— Você está brincando, Lurdinha... só pode ser.

Antenor olhou-a, e seus olhos pequenos, meio escondidos entre as pálpebras e a pele, diminuía ainda mais. Havia um torpor em sua expressão, talvez por estar distante, a pensar em coisas que nada tinham a ver com a amizade de um criminoso e um defensor público, com cadáveres e bandidos, com justiça, crime organizado, polícia, governo, cidadãos comuns, políticos e o velho dilema entre o bem e o mal, e se era possível defini-los rigorosa ou imprecisamente... Estava a quilômetros dali, e por isso talvez demorou tanto em perceber a inclusão do Jimmy na série.

– Em que estava pensando?

– Em nada... apenas estava longe... tão longe que não sei precisar onde...

Haveria algo errado?... Nada disso era normal. Antenor abandonava os seus livros e estudos quase sempre às 18 horas, tomava banho, jantava, e ficava junto à esposa assistindo filmes e séries até o momento dela se recolher e dormir, entre 20:30 e 21:30 h. Dormia também após o almoço, de 30 minutos a hora e pouco, quase sempre. Reputava o calor intenso e a pressão baixa para as sonecas diurnas, mas no clima ameno ou na temporada de frio e chuva não era diferente. Desde quando vieram à praia, os instantes sonolentos aumentaram e se tornaram rotina. Ele pensou em Alzheimer, um princípio, mas tirava a questão da cabeça, pois não queria sequer imaginar a esposa em tal condição. Amava-a muito para imaginá-la perder as memórias, a consciência, os movimentos, os desejos e, no estágio derradeiro, a imobilidade e o vazio... A sogra passou por semelhante situação, uma cunhada estava em meio ao desenvolvimento da doença, e os relatos de amigos e parentes de amigos aumentaram com o decorrer dos anos. A primeira vez que ouviu falar da doença, foi aos

20 e poucos, ao saber da morte de Rita Hayworth, quando ainda a patologia não fora mapeada devidamente e as pesquisas em seus rudimentos. Aquilo o assustou. Ele estava disposto a morrer do que fosse, desde que o cérebro se mantivesse intacto. A velhice, certamente, provoca pequenas e às vezes profundas alterações na memória e raciocínio, mas nada a ponto de se esquecer quem era e quem foi. No caso de Rita, ela não sabia nada de nada; era um vegetal de carne e ossos. Não entrava na cabeça como uma das "deusas" de Hollywood, dos rostos e corpos mais lindos a pisarem este mundo, de sucesso estrondoso e reconhecido ainda à época, terminaria assim, sem qualquer recordação, um fato, um nome, um pensamento... Isso o deixou agonizado. Por dias, a notícia fixou-se a ponto de não conseguir comer e dormir o suficiente. Decorrido certo tempo, uma semana ou mais, a coisa foi se arrefecendo e não mais retornou, a não ser em momentos quando confrontado pelo noticiário ou o relato de alguém, quase sempre distante, acometido pela enfermidade. Até o dia, 15 anos depois, que a sogra foi diagnosticada; e alguém tão próximo era impossível não se abalar ou comover.

– Algo a está preocupando? A ponto de viajar e se esquecer do que está ao redor?

Lurdinha pensou. Indecisa, deu de ombros, cerrou ainda mais os olhos, e havia um misto de fadiga e hesitação.

– Não sei... Mas tenho estado chateada ultimamente...

Ele sabia de alguns dissabores e reveses, especialmente com uma irmã e um sobrinho. A família sempre a afetou de maneira profunda e intensa, e quando ouviu que uma irmã mais velha, e depois outra, mais velha que aquela, pressentiam a morte, e Lurdinha sempre teve o lado sincrético, de ao mesmo tempo depositar confiança em Deus para, em seguida, se entregar às crendices mais bizarras, fê-la crer piamente nas suspeitas familiares. Se as irmãs sentiam o fim chegar, era sinal de estar às portas, apenas questão de tempo.

– Mas sempre foi e é questão de tempo – O marido quis chamá-la à razão – Todos estamos morrendo, pouco a pouco... não precisa de augúrios para se chegar a essa conclusão. A verdade é uma só: mais dia, menos dia, a morte chegará.

– Você não entende... nunca vai entender... Elas estão se entregando... a olhos vistos!

– Elas se entregaram ao pressentir a morte, ou o pressentir a morte é por que se entregaram?

– Ah?! Que besteira está dizendo?!

Tentou, ao seu jeito, brincar com a ideia, em um jogo de palavras, mas ela nunca entendia os seus gracejos; achava-os profundos demais ou sem graça demais para serem apreciados. Não tinha senso de humor, como tantos outros conhecidos, capazes de rir apenas no que se chama "pastelão", o tombo desavisado, o desastre anunciado, o palavrão revelado; para ela e os outros, a coisa tinha de ser explícita, direta, nada subentendido, irônico ou entre linhas. Nunca via lacunas ou o vazio a preencher, apenas notava os pontos definitivos, sem se ater que, debaixo deles, havia camadas e mais camadas a sustentá-los e, no mínimo, lançá-los ao alto momentaneamente para, em seguida, soterrar e dar-lhes um fim.

– No caso de Fulana, a mudança de casa, que está por acontecer, deve ser a causa do desânimo. Ou algum problema... hormonal – Quis dizer espiritual, pois estava convicto de a maioria dos problemas e dilemas estava poluída e originada no distanciamento de Deus e o estado de rebeldia, em maior ou menor

grau, a definir o maior ou menor dilema, mas prometeu não tocar mais no assunto a pedido da esposa; era melhor preservar algum resto de comunicação a perdê-lo por completo.

– É, pode ser... Desde que resolveu mudar e morar com a filha, anda triste...

– No caso da Beltrana, o vício a consome, e ela não encontra saída para a vida a não ser beber, beber e beber, e isto cobra um alto preço, e ela já pagou caro e não sobrou nada para compensar.

Olhou para o marido e pareceu concordar. Sabia que o hábito desregrado e a intimidade com o álcool deixavam-na imprudente e frívola, ao ponto de afastar as pessoas e ninguém, em sã consciência, dar-lhe-ia um voto de confiança.

– Por que não conversa com elas? – Tentou animá-la.

– E dizer o quê?

– O que sabe e tem medo de falar para não parecer chata e intolerante. Você acaba não agindo com eles como deveria, para manter-se segura no medo.

– Medo? De quem?

– De você mesma, de ser rejeitada, e eles se afastarem, por causa da sua opinião. Se amarem você de verdade, não será isso que a afastará deles.

Cravou-lhe os olhos, e esperou um pouco.

— Acha mesmo que devo?... Isso não pode atrapalhar mais do que ajudar?

— Elas precisam ouvir a verdade. De que a resposta está nas mãos delas. Essa coisa de pressentir a morte é balela, a menos que tenham uma doença incurável ou se arrisquem de verdade. A... — antes de continuar, freou o que iria dizer, para resguardar o que Lurdinha não queria ouvir, não se dispunha a ouvir, e pediu decididamente para não ouvir, e manter intacta a sua vontade — A...tristeza tem várias motivações, e pode gerar estados de espírito mais graves e muitas vezes irreversíveis, até mesmo suicidas. O que se tem de fazer é não dar espaço para ela se instalar, ocupar o vazio e tomá-lo como o inimigo faz ao invadir um território, destruir, matar e então descansar sobre os escombros... Se você vê o perigo e não alerta, como diz Ezequiel, é culpado dos crimes e daqueles que foram abatidos pelo seu silêncio.

Ela entendeu muito mais a analogia do atalaia do que todo o enunciado anterior; e ponderou que, quiçá, apenas uma vez o marido estivesse certo.

— Quem é Ezequiel?

— O profeta, ora!

– Ah...

Apesar do devaneio, rapidamente voltou ao assunto de antes.

– Tenho andado assim, com a cabeça na lua...

– E o papo de mudar? De voltar para B.H., tem a ver com a família ou é a sua solidão arrombando a porta?

– Sinto falta dos parentes... você sabe como sou apegada, e aos poucos eles estão indo, e não sei mais quanto tempo poderei estar com os que sobraram...

A voz não era sonolenta ou letárgica, era mais a angústia e o pesar de, sendo caçula, ver a morte ceifar um a um os membros da família; e em coisa de seis, sete anos, perdeu a mãe, dois irmãos, uma irmã e um sobrinho, este tão novo que quase não acreditou quando soube da morte... E não foi acidente, mas um mal súbito ao andar alguns metros em sua moto no estacionamento de um dos muitos shoppings da cidade. Houve ainda o trauma da morte do filho de uma amiga, vizinha na antiga casa, que eles viram crescer juntamente com os filhos, morto tragicamente em um acidente automobilístico quando ia visitar a namorada em outro estado. Sem contar o sem-número de conhecidos, conhecidos dos conhecidos, amigos improváveis mais eventuais, pes-

soas que não faziam parte do seu dia a dia mas, em alguma medida, soube deles, ouviu falar deles, viu-os uma ou duas vezes, e partiram sem adeus, sem tempo de despedir ou de um simples aceno com a mão... Onde estariam? Como estariam?... Ela sentia falta mesmo daqueles cuja fisionomia não recordava; bastava o nome e o fato para um pesar sobrevir n' alma e estorvar o espírito.

— Você não respondeu: quer ou não voltar para B.H.?

— O que você acha? — Devolveu a pergunta.

— Para mim, o que você decidir está decidido... Não adianta você ficar aqui com a cabeça lá. Viemos para cá para ter um pouco de paz e fugir daquela agitação dos infernos, do barulho, das amolações e implicâncias de vizinhos e parentes, de desconhecidos e encrunqueiros. Se de tudo não consegue manter distância, a gente pode voltar... É um gasto grande qualquer mudança, mas fazer o quê?

Antenor sempre quis morar na praia; e, depois de dois anos, de experimentar o lugar, voltar talvez não fosse tão ruim. Na verdade, ele se adaptava bem onde estivesse, não gostava da mudança em si, sair da rotina, ter de criar outra, mover as suas coisas pa-

ra outro lugar, mas depois de tudo assentado e organizado, podia ser na China, no Alasca ou Beirute que estaria bom. Como não era de sair, de se aventurar pelas ruas, praças e logradouros, qualquer canto era um canto, desde que não mexessem nas suas estantes e livros, desde que tivesse um pouco de silêncio e paz, desde que não fosse importunado a maior parte do tempo e pudesse se dedicar aos seus afazeres com o mínimo de concentração.

— Vou pensar... Não quero voltar, mas se voltar será por uma boa razão...

— E qual seria?

— Meus irmãos e irmãs.

— Bem, talvez essa seja uma boa razão para não voltar...

Encarou-o.

— Só porque são os meus irmãos! — A voz subiu dois ou três tons em agudez — Se fossem os seus...

— Quando me viu enrabichado nos parentes?

Os olhos dela permaneciam fixos nos do marido. Contraiu as maçãs e a testa, aguçou a visão e deixou-a mais delgada e pontiaguda como uma lança ou flecha.

— Vocês são estranhos... Não se importam uns com os

outros... Eu não entendo essa frieza e desinteresse com os do próprio sangue.

– Nem eu a obrigação de fugarem uns aos outros o tempo todo. Isso para mim é maluquice, não passa de exagero, quase chega a ser doentio...

Ficaram pleiteando de lá para cá, de cá para lá, ora o inusitado, ora o adequado, de forma a não chegarem a qualquer acordo, ficando cada um com a convicção de estar certo e o outro equivocado.

Por fim, Antenor saiu com esta:

– Bem, o que você resolver está resolvido. Se quiser ficar, ficamos. Se quiser voltar, voltamos. Não vou ser empecilho ou entrave... Importa que você esteja bem, tanto faz aqui ou lá.

Lurdinha nada falou. O apito do telefone ecoou na casa e saiu à procura do dispositivo. Certamente era o irmão ou irmã a ligar pela segunda ou terceira vez no dia, pensou Antenor. Menos mal, assim ele poderia voltar às suas leituras enquanto ouvia a porta do quarto fechar e a voz da esposa, entre risos, surpresa, e sabe-se lá mais o quê de nada surpreendente ou engraçado, brotar da conversa.

Desligou a tevê. A imagem apagou-se rapidamente, dando lugar ao negro profundo da tela, enquanto do

lado de fora um maldito moleque subia e descia a rua com uma bicicleta motorizada, o escapamento furado ou nunca instalado, a perturbar as horas e fenecer o dia.

– Boa noite, Smits!

“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br

OBRIGADA, MAMÃE!

Rosemare Rocha



"Lições aprendidas mais cedo em nossas vidas, permanecem para toda a vida. O que não foi aprendido, talvez seja ainda, mas quase sempre tardiamente ou nunca sejam aprendidas."

- Mamãe, por que temos que ser fortes?
- O que é ser forte?... Forte é quem come bem?
- É ser alto? Ter músculos firmes?
- Não, Paixão (para quem não se lembra de outros dos

meus textos, esse seria o meu nome de batismo, mas a minha irmã, ao ser minha madrinha de casamento, decidiu por todos dizendo: "Já tem Maria demais nesta casa! Vai ser Rosemare e não "Maria da Paixão". Dito e feito.)! Ser forte é um pouco complicado para te explicar. Ser forte é ser você, é ter consciência que tudo o que você está fazendo é para um bem maior."

– Ser forte é não viver se lamentando, quando as coisas não acontecem como você gostaria que acontecessem."

Prosseguiu:

– Um exemplo: você levanta de manhã para buscar lenha e, no caminho, começa a chover, e você não está preparada para a chuva. Então, começa a tremer e pensa que não vai chegar a um lugar onde se abrigar, ou se já pegou a lenha; você e a lenha estarão molhadas e a lenha não vai servir para ser queimada no fogão... Aí, você precisa tomar uma decisão: voltar para casa ou parar em um lugar seguro... Já com a lenha às costas, parar e se abrigar, ou deixar a lenha e sair correndo... Sem ninguém perto para decidir por você."

Concluiu:

– Isso é ser forte. Mesmo quando as coisas não dão certo, a vida cria uma surpresa, você não desiste e não para. Não fica sem saber o que fazer... É ir em frente, mudar de atitude, se adaptar, não importa o problema que a vida coloca na sua frente... Têm coisas que não vão mudar, por mais que chore, grite, esperneie e ponha a culpa nos outros, nada vai mudar! Sempre pausando entre um ensino e outro, pelo cansaço, pelo sobrepeso e pela pressão sempre alta, ela prosseguia, e eu, enquanto me mexia fazendo alguma coisa das nossas obrigações diárias, ouvia.

– Há coisas que você tem que fazer acontecer. Eu tomei decisões na vida que, mais tarde, você vai saber.

Interrompendo-a, perguntei de chofre:

– Mamãe, me conta agora, conta!

– Agora não. Você ainda não está preparada.

– Ah....!! Eu ainda não estou forte o suficiente para saber, né?"

– Isso mesmo, Paixão!... Na vida para se tornar uma pessoa forte, quer dizer, uma pessoa que saiba o que fazer diante de novas situações, tomar decisões co-

rajosas, pensando mais nos outros do que em si mesma, tendo responsabilidade nas suas atitudes, tem que ter aprendido a ser assim. Talvez leve tempo.

– Mamãe! Ser forte não é pra todos, é?

– Não, Paixão, não é. As pessoas se perdem no caminho. Ser forte também significa pedir ajuda quando se precisa. Nem sempre o melhor é estar sozinho.

– Então, ser forte também é se apoiar em outros, pedir ajuda, conselhos, pedir socorro?

– Sim, Paixão! Todos temos duas durezas na vida: a própria vida que nunca será fácil para ninguém, e o seu próprio orgulho. Uma pessoa forte precisa da ajuda de outros, isso também é ser forte. As pessoas pensam que pedir ajuda certa, no momento certo, é ser fraco, mas não é! A Bíblia resume a questão: "Diz ao fraco, sou forte!"

Ela era analfabeta, nunca pôs os pés em uma escola. Deve ter ouvido isso nos ditos populares. Na Bahia, como parte do Nordeste, muitos eram descendentes de judeus e nem sabiam. Lembro-me de que, sempre entre a sexta-feira à tarde e a manhã de domingo,

ela não arrumava a casa e não permitia ninguém a arrumar.

– É, mamãe, um dia vou entender o quanto a senhora foi forte e serei forte igual à senhora.

Na vida, até os grandes heróis tiveram seus momentos de fraqueza; e fica a lição: ninguém pode ter uma desculpa justa ao deixar que a fraqueza o domine, seja qual for. Nascemos para ser fortes. Já repararam nos animais, dos pequenos aos grandes? Boa parte é terrivelmente solitária, os insetos, em sua maioria, aves, mamíferos, peixes... Eles não têm fé, igrejas, ideologias, nem falam. Muitos são surdos, cegos, se arrastam, mas todos têm algo em comum: eles continuam, continuam... Por que perdemos esta capacidade, dirão alguns, primitiva, simples e tão básica?

Hoje, com medicamentos, terapias, divertimentos, conforto, por que tantos se mostram tão frágeis? A história diz que pessoas no passado tiveram vidas muito mais difíceis do que hoje, onde notícias falam de pessoas perdendo as suas vidas por problemas que seriam facilmente superados, ou ao menos muito bem suportados. A força de que mamãe falava não surge magicamente, é fruto de aprendizado, maturidade,

adquirida ao longo de toda uma vida. Muitos vivem mecanicamente, no piloto automático. Não ouvem, não observam, não aprendem, não se fortalecem... Mas não esquecem a hora do Rivotril.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



www.kalamoseditora.com.br

SEMPRE O TEMPO

HELVÉCIO S. PEREIRA



Quem já não teve a sensação de estar despertando em meio a uma situação desaperccebida anteriormente? Uma experiência semelhante à percepção de um salto no tempo? Pois é, ocasionalmente, e só por puro acaso mesmo, causado por algum algoritmo, me deparei com um vídeo de um pianista, de cabelos grisalhos, em um show, em uma apresentação festiva, cheia de cinquentões animados e felizes. Ele, ao piano, junto com esposa também sexagenária ou mais, filhos e netos. O título do vídeo, logo abaixo, no canal do YouTube: O músico do "The Beach Boys".

Claro, lembrava-me deles mais pelo nome do que pelas canções. Um outro vídeo me é recomendado, e após uma pesquisa rápida, fico sabendo (nunca soube ou não me lembrava) que esses cinco outrora rapazes influenciaram os Beatles (!!). Vejo as fotos, quando jovens, atléticos, surfistas, mas meio redondos e não secos como os de hoje. Mais à frente, outro vídeo com o mesmo músico, o fundador do grupo, em um evento com as mãos tremendo, parecendo já ter sinais de Parkinson. Mais um pouco, fico sabendo que ele já morreu, com mais de oitenta e quatro anos, acho. E não foi no dia em que vi tudo isso, já são fatos passados. Em poucos minutos, um quarto de hora ou pouco mais, tive informações, incluindo visuais de uma vida quase inteira e da sua morte.

No sábado, dia 14, fiquei sabendo da morte de meu cunhado, casado com a irmã e madrinha de minha esposa. Em poucos minutos, o que poderia ser um texto mais ou menos curto num obituário, toda uma vida foi resumida e um único encontro da minha esposa com ele foi lembrado. Isso certamente acontece todo dia, várias vezes ao dia, sobre os falecidos e a reação de parentes e amigos e, novamente, com as quase trezentas pessoas mortas direta ou indiretamente no lamentável acidente de

avião ocorrido na Índia, ou no acidente com menos vítimas ocorrido pouco depois no Brasil: o acidente de um helicóptero e um balão e oito mortos. Que lições podemos tirar ou, talvez, nenhuma? Não mudará os fatos e o mundo?

Cientistas e religiosos, sempre que desocupados, se pronunciavam sobre aspectos dessas coisas. São dilemas humanos. Talvez, não só humanos. Animais sofrem as mesmas coisas, mas como não falam, não escrevem textos e choram em silêncio, prosseguem vivendo.

Não esqueço o que vi, quando uma pequena cadelinha, talvez no cio, ao ser perseguida romanticamente por dois vira-latas muito maiores que ela, ao desviar-se de uma calçada totalmente irregular até para humanos, pisou no asfalto em uma descida, logo no momento em que um motorista distraído e irresponsável a atingiu. Os dois vira-latas grandalhões viram tudo e a viram agonizar e morrer em segundos. Desajeitados, após perceberem a morte da coitadinha, se viraram e subiram outra rua, em silêncio. Na cabecinha dos dois, embora sem palavras, certamente tentaram assimilar o triste acontecido. Nunca mais os vi. Talvez evitem passar na mesma rua, embora seus tutores, e a casa onde vivam, estejam nos arredores.

A vida é uma janela, um gap, não uma janela física,

como nos referimos objetivamente em nossa língua portuguesa, mas figurativamente como um parêntese, um espaço entre duas coisas. Temos acesso a esse espaço, vivemos entre esses parênteses e dele sairemos de uma forma ou de outra. Dentro desse espaço nunca fomos os mesmos, não somos os mesmos, e não sairemos os mesmos. Muitos saem melhores, outros saem muito piores, mais do que ao chegarem.

Ateus e religiosos passam a vida se automassageando, negando o óbvio: o fim pode chegar a qualquer dia, por qualquer motivo. Um deles, é bastante razoavelmente percebível: não temos uma bateria que dure para sempre! A energia que nos faz viver tem validade, e convenhamos, é curta. A segunda: não somos produtivos o suficiente para termos uma vida "matusalênica". De profetas a tiranos, todos nos tornamos decadentes e patéticos no decorrer dos anos. Alguns de nós têm um ápice produtivo, que para muitos nunca ocorre; depois é só decadência. Muito tardiamente temos uma noção mais ou menos exata de que estamos fazendo algo útil e interessante. A maioria das pessoas do mundo, nem isso. Pessoas que não são mais jovens, pensando e se comportando como adolescentes. "Artistas" crendo que as canções

que compuseram há sessenta anos constituem alguma coisa que valha a pena. A música é eterna, as canções, na maioria das vezes, são percebidas como realmente são: ridículas e até retardadas! Enfim, muitos de nós, certamente a maioria, nessa janela, "gap" curta, ainda pagam o mico de se ver como alguém que de fato não são. Quem poderá nos revelar a verdade? Deus, no juízo. Penso, só imagino, pior que o inferno será o choque ao ter de reconhecer a grande farsa que muitas vezes fomos e somos.

Só alguns entenderão: ser "salvo" é sair ileso desse pior momento.

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com





REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

A REPÚBLICA DOS KAISERS

Tem uma novela que está abalando os bastidores da mídia nacional. Trata-se do julgamento do "gorpe", da censura, fake news, cadastro de pombos, investigação de ovnis e outras "coisitas más", a inflamar os egos e estourar champanhas em Brasília e seus palácios. É condenação de 15 anos para quem passou batom na estátua e ninguém reclama de o Pablo dissonar a cada nota, sobre saltos agulha e maquiagem rococó. É traficante, ladrão, corrupto, agenciador, lobista, safando-se da cadeia e ainda recebendo indenização;

passa-se a perna em milhões de velhinhos e humorista é condenado por piadas. O mendigo preso, por estar na hora e lugar errados, foi solto depois de meses na detenção. Ao sair, alguns quilos mais gordo e corado, disse em off ao baleiro da Papuda: se soubesse disso antes...

Pior é rir na tragédia enquanto leva bucha.

Alguém disse que impérios e reinos são coisas ultrapassadas, e ninguém deveria sustentar monarcas parasitas e sanguessugas; a república veio para acabar com os privilégios e regalias dos detentores de sangue azul.

Quando vemos os reis, rainhas e príncipes mundo afora, os que restaram, e nos deparamos com republicanos, publicanos e fariseus, não existem dúvidas de que manter a realeza seria infinitamente menos oneroso aos contribuintes. As nababescas vidas de governantes, políticos, juristas e toda a burocracia que já está anos-luz à frente dos trabalhadores "normais" (esses almejam uma semana de 6x3, enquanto aqueles, há muito, estão na semana de 3x3, e olhe lá!), configurando o que chamei de "monarquia sem pedigree". É levar um vira-latas para

casa em troca do tesouro no Banco Central. É gato por lebre... Mas dizem que o B.C. não demorará muito para se tornar em um centro nacional de reciclagem. "Quem viver, verá", ele disse. Achei o rapaz espirituoso e quase um profeta.

O que os governantes fazem de "melhor", e na maior cara-de-pau, é superarem os sultões, xeiques, marajás, monarcas, kaisers, todos ao mesmo tempo (uma habilidade de causar inveja). Não satisfeitos, raspam o tacho para garantir o sustento das suas futuras gerações: filhos, netos, bisnetos, trinnetos, não terão o que reclamar. Na verdade, existe uma máxima: o espólio se constrói em uma geração, se mantém na seguinte, e é dizimado na posterior. Então, por mais que se "beneficiem", o dinheiro não é eterno, mas fingem que é. E o ciclo recomeça, se não com aqueles, com outros, e ainda outros, e...

Tem gente que reclama da escravidão, enquanto espera algum tipo de bônus. Somos mais escravos, e tratados ainda pior, do que os antepassados. Pelo menos, sabiam o que eram e não fingiam não saber.

Alguém disse que sou anarcocapitalista. Não faço ideia do que seja. Se é de comer ou beber. O nome é feio que

dói. Parece apetrecho sadomasoquista ou remédio tarja preta profunda. Mas uma coisa é certa: se for ideia de brasileiro, o malandro vai sempre ganhar. É como aquele cara na esquina, de caixote, três copinhos e uma bolinha. Ele mexe os copinhos e nunca acertamos a bolinha. Mesmo com olhos de lince, as mãos sempre serão mais rápidas do que eles. E a banca sempre ganha. Não importa quem esteja operando.

Depois, não diga que não avisei.



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional **& NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp
98025-1010

vagas limitadas!

The advertisement features a black background with a central image of five performers on a stage. The text is primarily in bright green and yellow. The logo 'NET' is in the top right corner, and the WhatsApp contact information is in a green bubble at the bottom left. A yellow banner with the text 'vagas limitadas!' is in the bottom right corner.



O TEMPEIRO COLOMBIANO

Sammis Reachers

Nos ribombares da pandemônica década de 60, meu pai, Mário Pedro da Silva, chegou ao estado do Rio, vindo da doce e estacionária vida em Arapongas, no interior do Paraná. Vinha em busca de glória e fama: sonhava ser ator. Ou cantar no rádio. Ou uma ponte que o levasse à Hollywood. Ou você pensou que a parte carnavalesca de meu nome, "Sammis Reachers Cristence" Silva, veio de uma inspiração superior? Talvez descendente de abnegados missionários ingleses, ou colonos alemães avermelhados pelo sol e pelo solo paranaense? Que tal Herbert Richers, o falido e antes onipresente empresário da dublagem televisiva ("Versão brasileira: Herbert Richers", lembra?). Veio dos nomes nos créditos finais dos filmes que ele, meu velho jovem pai, amava, na pacatidade da já citada Arapongas, onde o cinema era tudo o que havia, a bacia das almas.

Bem, após alguns meses desavisadamente fustigantes na efervescência da capital, a inadequação de nosso herói mambembe encontrou refrigério inesperado quando ele foi convidado para ver "aquela cidade ali, do outro lado da baía". Atravessando as águas turvazuis da Guanabara, o jovem paranaense teve uma iluminação ao conhecer a cidade onde eu vim a nascer (epa, spoiler!). A calmaria da Niterói ainda em sua meia-idade, lhe lembrava de alguma forma o Paraná pacatizado, pacativante, e a paixão assomou aos olhos do aspirante a James Dean.

Em pouco tempo, Mario estava de mala e calça boca de sino alugando quarto de pensão em Icaraí, naquela época o bairro (que já era nobre) que reunia o melhor consórcio de aprazibilidade e centralidade.

Estabelecido, meu pai logo conseguiu emprego na cidade sorriso e pôs-se a fazer amigos. Na própria pensão em que se instalara, havia os mais diferentes tipos.

A tal pensão tinha sua legislação, como é (epa, ao menos era) de praxe em tais repúblicas. Nada de mulheres; nada de cozinhar nos quartos; divisão de quartos? No máximo entre dois homens.

A dona da pensão era o coração pulsante do lugar, e ela mesma uma figura da mais relevante singularidade. Bogotana, filha da Bogotá de nossa vizinha Colômbia, ninguém nunca soube o que ela viera fazer naqueles idos por aqui. A suspeita que liderava as pesquisas era que a agora velha Consuelo, jovem ainda, havia se apaixonado por algum cafajeste viajador, que a trouxera para as paragens brasileiras, e aqui a abandonara à própria e mala sorte.

Era ela, a querida de todos na pensão, que proporcionava o momento mágico da vida daqueles senhores, homens e rapazes que ali habitavam, durante o jantar (a pensão servia apenas café da manhã, simplório, e jantar. O almoço cada um tinha que filar ou comprar em outras paragens). A comida, sempre exuberantemente saborosa, mesmo nos dias de maior frugalidade, entorpecia os ânimos e estômagos de todos aqueles que, felizardos, a provassem. Uma cozinha primorosa, cercada como convém de segredos (era terminantemente proibido que enxeridos penetrassem na casa de dona Consuelo durante a elaboração dos pratos) e com doces toques de exotismo, era ali praticada; uma cozinha que merecia

até estar aberta ao público, e mais, a um público mais seletivo do que àquela coletânea de solteiros que se refastelava nas panelas. Solteiros que, cientes da bênção que era sorver aquela cozinha encantadora, segredavam entre si o privilégio que era morar naquele lugar, se por mais nada, ao menos pela comida fulminante. Contrariados, evitavam estender-se em elogios, embora os mesmos fossem algo inevitáveis: temiam que a boa senhora abrisse um restaurante, caso em que certamente faria imediata fortuna, e de uma única e mesma facada lhes fosse surrupiada a estalagem e a boa comida...

Após o repasto, a alegria descia sobre os agregados; as conversas se expandiam. Tímidos passavam a falar como canários; os já faladores eram então insuflados a animadores de auditório. As cantorias tomavam o ar de torneios, de "Festivais da Canção" onde duelavam-se sorridentes convivas. Havia algo de mágico naquele ambiente, e era sempre após o jantar que aquela magia socializadora ou destimidizadora parecia explodir.

Certa feita, o silencioso Abelardo, aprendiz de oculista, e que normalmente mal despachava um "bom dia, boa noite" aos companheiros de pensão, pôs-se a rodopiar

em dança, solitário, olhos cerrados, como que arrebatado; seu bailar, aplaudido pelos demais, estendeu-se portão afora da república – e lá foi o Abelardo, antes tímido que só ele, dançarolando pela calçada, ao som de algum acompanhamento musical que só ele ouvia (pois não havia música a tocar), para espanto dos poucos transeuntes daquele trecho.

E o Fernando, policial turrão e engomado, príncipe da empáfia e da arrogância militaresca, que, sempre que tocado pelos benfazejos vapores do jantar, punha-se a pedir perdão aos companheiros por seu comportamento usualmente arrogante? Certa feita, receitou, de improviso, um belo poemeto em honra da amizade, declamação que o levou embaraçosamente aos soluços lacrimais.

Mas o efeito mais bizarro daquela felicidade pós-banquetal se dava sobre o Rui, pernambucano cabo da Marinha de Guerra, varonil mulherista e mui cioso de sua elevada posição (cabo, como disse) na hierarquia militar. O brincalhão e pretensamente galanteador marujo, negro de média estatura, peitoral proeminente, belos olhos de um castanho claro que ele alegava serem os terrores do mulheril, quando de barriga cheia e en-

golfado pelo clima descontraído que se sucedia àqueles jantares, ganhava um brilho diferente no olhar. Primeiro era seu riso, que se alongava; em seguida, suas gesticulações passavam a ganhar mais vida, mais curvas; a marcialidade de seus movimentos cambiava para uma leveza quase... quase feminina. E assim, sorrindo largamente até as gargalhadas, traquejando com inesperada malemolência, o Rui, agora levantado de sua cadeira, passava então a apertar e massagear os ombros dos amigos, alisando os cabelos de um aqui, ajeitando a gola de outro ali... O que no princípio inevitavelmente descambou em algumas confusões, mas rapidamente aquela "transformação" foi absorvida pela geleia geral daquele festim diário de pós-expedientes.

O desenlace de nossa historieta teve seu início com o aperto e a correspondente esperteza de meu pai: conhecedor da proibição de cozinhar nos quartos, o jovem paranaense, talvez contaminado pela mítica malandragem carioca, resolveu transgredir a lei em nome da economia: conseguindo um pequeno fogareiro de um bocal, movido ao prosaico querosene, passou a cozinhar pequenas porções de macarrão ou outras basi-

calidades dentro do quarto; para isso, todos os dias na hora do almoço voltava para a pensão a título de descansar justamente o "almoço" que alegara já ter consumido no centro de Niterói...

Em pouco tempo, nosso herói, tão inábil na cozinha quanto um cego, passou a ressentir-se de ter que comer seu macarrão ou arroz ou o que fosse sempre maculado pela mais insossa sem-saboria. Já não sabia cozinhar; "mal" acostumado que ali fora a uma cozinha dos deuses, amargava cada colherada de sua própria comida como um condenado.

Um dia, o estudante autodidata de inglês, que ainda sonhava em conhecer Hollywood, teve um insight: e se ele conseguisse dar uma expiada na dona Consuelo enquanto ela cozinhasse? A velha era irredutível nesse ponto, mas ele poderia bolar algum tipo de burla para conferir como aquela maga temperava suas comidas. Não deveria ser tão difícil. Nosso mais novo malandro já não suportava a tortura de almoçar sola de sapato e jantar manjares e ambrosias...

Um belo dia, meu pai saiu um pouco mais cedo do trabalho (nesta época, já trabalhava como contínuo

na Facit, no centro de Niterói) e dirigiu-se para a pensão. Ali, esgueirou-se pela parte de trás daquele conjunto de quartos, já com um tamborete nas mãos, para dar altura à pequena janela que fundeava a cozinha da velha, e lá se espichou ele para observar qual o segredo dos temperos da dona Consuelo. Observou por um tempo considerável enquanto a velha picava carne para um ensopadinho, cozinhava uma formidável panela de arroz e remexia um feijão que estranhamente não levava alho, mas ficava sempre delicioso. A atenção do malandrete estava concentrada no momento das temperanças, pois ali ele esperava descobrir ao menos algo que pudesse replicar, ainda que porcamemente, a fim de mitigar o gosto já intragável de sua comida.

Pendurado e atento em seu tamborete, o jovem viu a idosa estrangeira sacar de dentro de um armário uma chusma de matos diversos. A velhinha pôs-se a picar bem finas algumas folhagens; meu pai estava atento: pôde reconhecer cebolinha, aipo e talvez cardamomo. Mas então a matrona bogotense ou bogotana apanhou um grande pote plástico e dele sacou uma

outra erva. A velha espremeu algumas das estranhas folhas nos dedos, e pareceu sorver seu aroma por alguns instantes; depois pôs-se a arrancar pedaços daquelas folhas estreladas e jogar dentro de todas as panelas que tremelicavam no fogão.

O ex-matuto de roça e aprendiz de haute cuisine já havia visto aquela erva fina, mas não fora nas pequenas roças de fundo de quintal naquela terra roxa e fértil do Paraná, nem nas vendas e armazéns, quando sua madrasta lhe mandava ir até lá comprar este ou aquele item; quem lhe mostrara aquele tipo de tempero fora Fernando, o policial ferrabrás, que certa feita exibía numa revista de sua corporação imagens daquela exótica planta, tão em moda naqueles idos da década de 60. O desconcerto da informação, sub-reptícia e algo dura de equalizar, derrubou meu jovem pai estatelado no chão.

Enquanto caía de sua banqueta, num daqueles fenômenos de slow motion que gostam de acontecer nos momentos dramáticos de nossas vidas, o jovem cinéfilo paranaense revira em flashback toda aquela espalhafatosa alegria pós-pasto; a música, as piadas,

os gracejos e traquejos e a felicidade quase mágicas que assomavam a todos os republicanos da pensão de dona Consuelo. O motivo estava agora claro, pensava o magricela enquanto pranchava suas costelas contra alguns pedregulhos do chão.

Sabe-se lá por que cargas d'água (e a que custo, meu Deus, a que custo!), dona Consuelo temperava todos os seus pratos com frescas folhas de maconha...

* * * * *

Deglutidos os embaraços, o jovem migrante paranaense não pensou uma segunda vez. Reuniu seus vinténs e avançou ainda mais mato adentro: Comprou uma caxanguinha em nossa São Gonçalo, longe dos exóticos temperos colombianos. Bem, nem tão longe assim, mas essa história todos conhecemos...

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



BEL

um conto de **Michel Salomão**



Isabel era virgem de tudo, de tudo mesmo: até os 31 anos não havia praticado transfusão de saliva ou de qualquer outro líquido viscoso, mas ninguém poderia acreditar, apesar de não ter esse fato qualquer importância, pois ela era especialista em fazer piadas picantes, a insinuar-se aos homens da sua idade, aos mais novos e até aos mais velhos, que muitas vezes saíam desconcertados com as suas brincadeiras ousadas, e comentavam que ela devia ser muito "quente" e "fácil", mas ninguém tinha a coragem de corresponder às suas investidas, com medo de fraquejar.

Mas um dia ela conheceu Marcelo, um homem casado e pai de dez filhos com oito mulheres diferentes, dono de uma fama de conquistador capaz de abalar qualquer concorrência, quase sempre formada por homens inseguros, complexados e derrotados.

Isabel foi praticar com ele o seu jogo de sedução, mas não esperava que ele lhe roubasse um beijo de forma tão fácil, ao mesmo tempo em que juntou o seu quadril com o dele, firmando-a pela nádega, quando ela pode sentir o poder do seu "provolone" no bolso da frente da calça, de uma forma tão habilidosa que pegou-a de sur-

presa.

- Você é muito abusado, sabia? - foi a única coisa que ela conseguiu falar, bastante desconcertada.

- Você é a mulher mais atraente que já conheci.

Nem mesmo os mais renomados filósofos poderiam explicar a razão dos jogos do amor se iniciarem com frases tão óbvias, mas seria improvável que tal cena ocorresse nos dias de hoje, pois ele seria processado, preso, teria seus bens confiscados e seria linchado em praça pública. Porém, o fato teria ocorrido há 25 anos, pouco mais ou pouco menos, no tempo em que os relacionamentos heterossexuais ainda eram vistos com naturalidade, mas aquilo a incomodou de verdade, e durante toda a noite ficou se revirando na cama, pensando numa resposta que daria a ele, no dia seguinte, pois deveria confrontá-lo, considerando que a sua honra estava em jogo, e por isso enviou-lhe uma mensagem seca e direta, para se encontrarem às nove horas da manhã no café da praça do mercado.

Ele apareceu vestindo um terno risca de giz azul, de corte italiano, e uma gravata preta de florais com detalhes vermelhos e dourados, o que resultou em uma combinação interessante, mas se aproximou com deter-

minação e deu-lhe um demorado e ardente beijo na boca, deixando-a atordoada, de forma que só pôde retribuir e, logo em seguida, reclamar, indignada, para ser novamente beijada, desta vez com mais carinho.

- Você é maravilhosa! - disse ele, ao seu ouvido.

Ela imaginava que em seu primeiro beijo seria chamada de "princesa", pois o seu escolhido deveria ser um autêntico candidato ao trono da realeza, como sempre acontecia nas historinhas que o seu pai contava, quando era criança, e não um homem casado e com uma penca de filhos, usurpador de sua inocência virginal, mas aquilo deixou as suas pernas trêmulas, ao mesmo tempo em que umedeceu de forma instantânea a sua calcinha de renda com florezinhas rosas, presente da tia Clarice no seu último aniversário.

- Você é casado... - foi a única coisa que ela conseguiu balbuciar.

- Só porque não conheci você antes. Mas ainda dá tempo, pois o mundo não acabou e estamos vivos.

Ele a levou para um motel, onde passaram o resto do dia, e fizeram amor oito vezes, mas ela não sangrou e nem doeu, como afirmavam que aconteceria suas amigas da adolescência. Foi uma experiência indescrití-

vel, como o nascimento e a morte, tudo ao mesmo tempo, como se um Alien tratasse de entrar e sair do seu interior, algo parecido com o filme de Ridley Scott, que assisti seis vezes comendo sacos de pipoca, mas o que sentia agora era algo muito mais enlouquecedor, que a dominava por completo e não queria mais parar.

Podemos, neste ponto, dar um salto, ou teríamos que oferecer detalhes da intimidade dos amantes, para o deleite dos voyeurs de plantão, bastando dizer que tiveram um tórrido romance durante oito meses, até que a esposa do galanteador descobriu a aventura. E ele abandonou a sua ardente paixão para retomar a rotina da família e do trabalho de corretor de imóveis, o que lhe garantia uma agenda livre para prosseguir com suas investidas românticas com alguma nova e inocente criatura.

Durante muitos anos ela remoeu aquele episódio, prometendo que nunca mais iria se envolver com outro homem, mas acabou conhecendo Daniel, que era virgem, solteiro e muito religioso, não era fogoso quanto o seu ex-amante, porém lhe garantiria casa, comida e roupa lavada. E assim foram relativamente felizes para sempre.



"Boy playing the flute", de Judith Leyster

O MENINO DO NARIZ DE APITO

Leonardo Bruno Galdino

Era uma vez um menino com uma habilidade para lá de incomum: assobiar pelo nariz. Seu nome era Alberto, até então conhecido como "Beto", quando veio aquele fatídico dia e mudou tudo.

Aos seis anos, Beto viajava com seus pais a caminho do sítio do avô quando, de repente, um caminhão entrou pela contramão. Seu pai ainda tentou desviar, mas debalde: o trambolho veio com tudo e amassou completamente o carro. Os pais de Beto e seu irmãozinho de dois anos morreram na hora. Apenas Beto sobreviveu. O velório de sua família foi a coisa mais triste do mundo, sobretudo porque ele ainda estava no hospital se recuperando das diversas cirurgias que precisou fazer. Não teve tempo de dar-lhes o último adeus.

Uma das cirurgias de Beto envolveu a sua face. A parte estética ficou impecável, a não ser por um pequeno detalhe: o assobio que o nariz do garoto passou a produzir toda vez que ele falava. Os médicos não conseguiram corrigir isso, e esperavam que, com os anos, o problema sumisse. Mas o tempo foi passando e esse trauma, em vez de sumir, foi ganhando ares cômicos, e Beto, então, passou a ser conhecido como "O menino do nariz de apito". Ele próprio passou a se divertir com isso. Como gostava de música, começou a compor suas próprias canções, todas em referência aos seus queridos que estavam no céu. E era até engraçado,

pois, enquanto cantava, o assobio do seu nariz funcionava como uma flauta.

Até que, passados três anos, as sequelas das outras cirurgias misteriosamente se agravaram, e o nosso menino do nariz de apito foi recolhido pelos anjos. Seu velório foi de uma tristeza infinita, e seus coleguinhas de escola lhe fizeram uma homenagem tocando uma de suas músicas na flauta. O epitáfio em sua lápide rezava:

Beto, o “menino do nariz de apito”, que agora assobia suas músicas entre os santos anjos de Deus.

Assim que chegou ao céu, o menino do nariz de apito teve seus olhos vendados: alguém preparara-lhe uma surpresa. Foi conduzido até um determinado ponto e, ao abrirem-lhe os olhos, qual não foi o seu espanto ao deparar-se com aquele caminhão que provocara a morte de seus entes. Só que, agora, havia algo de diferente no trambolho: ele não parecia mais aquele baú assassino, mas um teatro. Estava todo enfeitado de luzes e pinturas por fora. Estava glorificado.

Beto foi se aproximando aos poucos e, ao descerrar das cortinas, o regente fez-lhe uma mesura. Era ninguém menos que o motorista do caminhão, que em vida havia se arrependido de seus pecados. Na primeira fila estavam o pai, a mãe e o irmãozinho de Beto, com um sax alto, um clarinete e uma flauta transversal, respectivamente. A pessoa que preparou a surpresa para Beto deu-lhe um tapinha nas costas e o incumbiu de completar a orquestra com os seus assobios. "Vamos lá, maestro. Que comece o show!", disse.

Era o próprio Jesus, aquele em quem o Pai reconciliou todas as coisas.

Soli Deo Gloria!

Leonardo Galdino - veja o perfil em
<http://www.youtube.com/user/LBGaldino>



Sobre quadrinhos, literatura e ciclos completados

Sammis Reachers

Boa parte de minha adolescência foi devotada aos quadrinhos. Na época, juntava dinheirinho por meses para poder ir aos sebos e bancas de Niterói, comprar revistas usadas. Com o tempo, a melhora econômica me permitiu até poder comprar regularmente algumas revistas novas, em banca. Mas, paralelamente, meu interesse por literatura crescia, e avançou até um ponto de inflexão, onde eu concluí que teria que optar entre quadrinhos e literatura, pois o tempo e os recursos gastos com HQs passaram a me significar de menor valia.

O tempo passou, li os clássicos e os cretinos, li de quase tudo e entendi que tudo era quase nada, pois o oceano da literatura não tem fim ou fundo. Na memória do ex-marvete, ex-dCnauta, ficaram algumas lacunas, histórias inconclusas, pois nunca pude encontrar em sebos as revistas onde elas foram contadas, e não havia internet, a que hoje me permite comprar o livro ou revista que eu quiser. E houve a troca de foco, e houve a

vida, esse tumulto. Então, hoje, após o período produtivo de um dia de folga (dedicado a criá-los, a meus sequestradores, os livros), fazendo uma busca aleatória após o almoço, fui jogado num blog que publica quadrinhos antigos.

E meus olhos cansados de menino viram o de há muito cobijado e desistido. E eu, durante o resto da tarde e noite, pude tributar ao menino, pude ler duas histórias (400 páginas no total!), na verdade a conclusão de duas sagas da Marvel dos anos 80/90: o desfecho da Guerra dos Espectros, travada pelo cavaleiro espacial Rom, uma espécie de Surfista Prateado que, como seu modelo, sacrificou a vida para salvar seu planeta. 32 anos de espera do menino a quem os livros soterraram... Por fim, a conclusão de outra saga, Ataques Atlantes, cuja segunda parte busquei naqueles idos por anos, em vão.

E a sensação de retornar ao momentum formador, e o prazer da conclusão, o gozo do desfecho, de completar um círculo cuja circunferência havia perdido, mereceu até este texto mais ou menos poético.

O garoto - agora com cabelos brancos -, empurrando filósofos alemães e romancistas russos para o lado da cama, vibrou novamente a velha corda.

VELHOS



Para quê servem os velhos? Para sustentarem a indústria farmacêutica. Para aguarem plantas. Para passearem com cachorros. Para ganharem pijamas e chinelos nos aniversários e nos natais. É claro que estou sendo debochado, recurso muito adequado para afastar a depressão, que acomete grande número de pessoas idosas que também se recusam a jogarem damas sozinhos, a preencherem palavras cruzadas ou a assistirem programas de fofocas na televisão. Só aí foram seis dicas para aqueles que não sabem o que fazer da vida após a aposentadoria.

Tirando as dores nas juntas, a perda de memória, a diminuição da libido e a flatulência, envelhecer é bem legal. Sim, é mesmo: o idoso não tem mais aquela maldita obrigação de sair correndo para o trabalho, de ter que encarar a competitividade negativa com chefes, subordinados ou colegas psicopatas, de ficar preso no trânsito por horas, de fazer tudo às pressas, e ainda tem a vantagem de pagar meio ingresso em espetáculos, de parar o carro em vaga reservada e não precisar encarar filas.

É aquela velha máxima do "tá ruim, mas tá bom".

Não tenho nenhuma saudade da minha juventude. Eu queria ter nascido mais velho, como no filme "O Curioso caso de Benjamín Button". Não tão velho. E também não queria rejuvenescer: queria ficar do mesmo jeito, do começo ao fim. Grisalho, com algumas rugas, mas ativo, forte. Lúcido. O que mais me assusta na velhice é a possibilidade da perda da lucidez. Ou talvez nem seja tão ruim assim. Às vezes é melhor esquecer as coisas. Esquecer o quê? Não sei. Esqueci.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



Uma angústia MELHOR do que eu

Luiz Libório Alves da Silva

Essa cidade (tão culturalzinha, nas propagandas, tão legal) guarda uma hostilidade especial no entorno da estação de ônibus. São fileiras de barracas preenchidas por dorsos nus amorenados, corpos para os quais não se estende auxílio das mãos apressadas que passam - entre as quais as minhas mãos estavam, entre as que não ajudam. São homens idosos há séculos, mulheres com o rosto escamado pela fumaça oleosa dos escapamentos, crianças. Por eles eu passo, professor recém-formado; alguns dias para ser xingado por algum aluno; alguns dias para presenciar a chegada da polícia na escola, ante agressões mais sérias. Mas passo vindo desse único cômodo que consigo alugar com meu salário parcelado, não de uma barraca aos pés desse construto de insânia que é a estação. O lixo arquiteta um quintal, na frente desses olhos pretos, o lixo próximo do posto

de saúde de onde alguns deles invejam os pacientes que têm leitos. Passamos ilesos, passamos curvados e infelizes, mas ilesos.

Até que o frio.

Era segunda-feira, se não me engano, esse dia escorrendo arrependimento pelos caninos. Ao descer a escadaria gorda da estação, virei meus passos para esse minúsculo bairro, ausente de urbanistas e transbordando restos de carvão, e vi um de seus desmoradores deitado de costas para a rua, quase completamente nu, no frio das 6h. E me angustiei. Ora, eu sei o que é minha angústia, cotidiana e mesquinha, eu reconheço a face da minha empáfia. E aquela angústia não era minha. Era uma angústia melhor do que eu, como engendrada por Cristo, uma angústia de amor. Naquele instante, rodei os olhos pelo movimento interno da avenida, pelas lojas, portas, viaduto, casas, em busca de um lugar para comprar um cobertor. Mas não parei, mesmo que tivesse achado uma loja de mantas, mas não me virei, e prossegui, espantado pelas lágrimas melhores do que eu a brotar para fora de mim. Meu Pai, até quando terei que suportar-me? As pernas

seguíam firmes, o coração gritava. Meu Pai, até quando terei que suportar-me? Na minha prece canalha, nessa fúria ambígua, depois de tantos metros de deserto, uma idosa me parou, pedindo algo mais possível, pedindo café, comida.

Embora banal, esse texto culmina naquela mulher. Ela sabia que estava ali para ajudar? Mas se foi ela quem veio pedir ajuda! Labiríntico caminho. Meu peito se aquietou, depois dela, porque ela veio me auxiliar a auxiliar, dando ao homem que desejava um fardo, mas não podia carregá-lo, um pesinho para cumprir. Como uma criança, que quer ajudar o pai com o martelo, mas não o aguenta, e ganha um martelo de brinquedo. Continuo mau, vaidoso e mau, por isso sei que foi Deus quem nela pediu e que em mim realizou. Deus nos presenteia com martelos de brinquedo. Luzidio caminho. Aquele homem nu continuou dormindo? Este homem nu que sou despertou?



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

A mercenária negra ou A realidade e o mundo que criamos conforme nossas afeições

Roberto Vargas Jr.

Há um episódio da animação da Liga da Justiça: Sem Limites, chamado Para o homem que já tem tudo. É baseado em uma história de Alan Moore e é um dos melhores de toda a série.

É o aniversário do Superman e Mulher-Maravilha e Batman vão visitá-lo na Fortaleza da Solidão. Ao chegar, encontram-no numa espécie de transe hipnótico provocado por uma planta parasita, a mercenária negra, num sonho do qual não consegue despertar.

Esta planta foi, de forma enganosa, como um agradecimento de um povo salvo por ele, presenteada por Mongul, que deseja tirar Superman de seu caminho, pois era o único com poderes para impedir seu desejo de domínio do mundo.

Enquanto Mulher-Maravilha e Batman lutam para livrá-lo da planta e de seu devaneio, Superman vive os desejos mais profundos de seu coração: uma vida simples como fazendeiro em seu planeta natal, Krypton, casado e com um filho.

Na sequência mais tocante da animação, Kal-El, que, a cada tentativa de Batman de livrá-lo da mercenária negra, sente um tremor neste seu mundo de sonhos, aos poucos percebe que é tudo uma ilusão e, aos prantos, enfim se despede de seu filho, prometendo jamais esquecê-lo, enquanto Batman finalmente lhe arranca a mercenária negra e a Krypton do sonho explode como a Krypton real. Profundamente abalado, Superman acorda de seu transe poucos instantes depois.

O mundo de sua ilusão era tudo quanto ele queria. Mas era falso. Era mau. Não era capaz senão de resultar no sofrimento que, em ira, partindo para cima de Mongul, exclama: "Você por acaso tem ideia da monstruosidade que me fez passar?"

A animação continua, mas este sonho de vida comum é o que caracteriza o caráter do personagem e a esperança que o anima, talvez não de viver o sonho

ele mesmo, mas de proporcionar à humanidade a possibilidade da qual ele mesmo foi privado. É o próprio altruísmo algo messiânico do personagem e esta é uma das razões, belíssima, de o episódio ser tão bom.

.....

Eu sempre fiquei impressionado com a capacidade humana de criar mundos. Não falo aqui da esplêndida capacidade criativa própria da imago Dei a imaginar universos sem fim. Estou falando da corrupção desta imagem a criar as desculpas mais elaboradas para convencer a si mesma de que está bem fugir do Bem. Todos nós temos nossas afeições. Todos temos nosso coração, num sentido bem hebraico do termo, voltado para algo que fundamenta tudo o que somos, sentimos, desejamos e pensamos. Não há edifício racional, por mais grandioso e belo que seja, que não tenha em sua base este fundamento. A razão, embora tenha sido entronizada, não é soberana. Simplesmente porque não pode ser. É apenas o instrumento inevitável de nossas afeições. Este, pois, é o instrumento que constrói mundos. O

que é a realidade? As mais diversas linhas de pensamento terão as mais variadas respostas, fingindo não haver afeições, ou, quando as admite, acreditando que há razões antes de afeições que as possam justificar. Pobre homem, sempre escravo que se tem por livre, sempre vassalo da soberania diante da qual se ajoelha mesmo quando pensa estar de pé.

Mas o que é a realidade? Os homens se exercitarão e darão suas respostas. Não são todas igualmente válidas, é claro, mas são todas igualmente justificáveis, quais sejam as premissas que as afeições julguem válidas. O exercício é bom. Não é ruim. É bom. Mas as respostas só convencerão aqueles que tiverem suas afeições dispostas a serem convencidas.

Ora, o que é a realidade? Que resta, uma vez que não podemos confiar na razão? Agostinho há muito deu uma boa resposta. Perguntemos à realidade o que ela é e ela dirá que é o que foi dada ser. Foi dada. Pelo que ou por quem? Ah, homens e suas afeições, vocês sabem muito bem, por mais que tentem varrer todo vestígio para debaixo do tapete.

A realidade é o que foi dada ser, e o mundo que se

constrói só é mesmo um bom mundo se à realidade
dada convém.

.....

Há uma Voz que a tudo permeia, com a beleza de Sua
canção a trazer à existência tudo que há. Tudo é pela
Voz, desde Seu mais fugaz sussurro até o mais
estrondoso de Seus estrépitos.

Atente. Ouça. Com todas as suas forças. Com todo o
seu entendimento. Com toda a sua alma. Com todo o
seu coração.

O mundo que você vê só é um bom mundo se você ouve
a Voz, pois só então seu mundo e a realidade se
confundem e a alegria daquele é desta. Todo outro
mundo é apenas sonho, por mais feliz que aparente, é
apenas o sofrimento do devaneio de uma mercenária
negra!

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão
reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor
que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do
livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em
<https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



ANOTAÇÕES CAMPONESAS

Luiz Libório Alves da Silva

1. Haver chuva no tempo de chuva, haver sol no tempo de sol: as mãos da bondade de Deus abertas em amarelo, verde e azul.
2. Qual deve ser a cor favorita do Senhor?
3. A borboleta é o sorriso da flor.
4. A abelha é o trabalho da flor.
5. A flor é o carinho da árvore, como que bregamente dizendo "não tenho dedos: acarício com pétalas".
6. Que triste deve ser, vendo criação sem crer em criador, que tristíssimo deve ser colher um fruto e não sentir nascer o córrego da gratidão dentro do peito...
7. Folhagens mexendo, dançando no vento: o vento não vejo, mas seus efeitos.
8. Nervosas formigas ocupadas com nem-elas-sabem-com-quê.
9. Quanta misericórdia de Deus em haver manga!
10. A boca seca, a língua uma lâmina, os lábios rachados: calma, criação, daqui a pouquinho chove.

JONAS

Natan de Oliveira

...

Eu sabia que Deus não faria nada...!
Não era a primeira vez que isto acontecia...
Tinha coração mole...
Misericordioso demais...
Aqueles miseráveis haviam se arrependido...
E somente eu havia tido prejuízos...
Os pés em bolhas de atravessar a cidade e pregar
arrependimento...
Sem voz de tanto gritar "Arrependei-vos"...
Ainda sentindo no nariz o cheiro podre do vômito e
do interior do grande peixe...
Três dias e três noites na escuridão molhada...
Balançando para lá e para cá naquele líquido
estomacal nojento...
Apavorado diante da morte por afogamento, havia
surpreendentemente sobrevivido...

E contado ninguém acreditaria...

Estava vivo lá dentro da barriga do peixe até que ele me vomitou na praia...

E antes ainda tinha estado naquela tempestade horrível no meio do mar revolto...

E agora depois de tanto sofrer...

E ser obediente a Deus...

Estava ali olhando a cidade de longe...

Náufrago...

Vomitado...

Sujo...

Sem voz...

E de pés calejados...

E no sol causticante...

É justo isto Deus? (Eu perguntei pra Ele de forma insolente).

Então Ele me disse... "Por que você está tão irritado...?"

Eu lhe dei apenas um olhar enviesado para cima e cheio de raiva e impaciência...

Ele então me disse... "Nínive tem mais de cento e vinte mil crianças ainda pequenas e seus pais que se arrependeram e me buscaram genuinamente, e queres que Eu não tenha misericórdia deles...?"

...

Arregalado eu o interrompi...

"E então Jonas, o que você respondeu ao Senhor...?"

Ele levou a caneca até os lábios e deu um grande gole do vinho novo do fruto da vide...

Jogou a cabeça para trás e deu uma grande risada triste e disse...

"Eu era um tolo...!"

Apontou para o outro lado do Rio da Vida e me disse...

"Estás vendo aquele grande coral de mais de cento e vinte mil pessoas de branco que se prepara para cantar lá do outro lado do rio...?"

"Sim", respondi, "Soube que vai ter uma cantata daqui a pouco e por isto vim até aqui ouvir..."

Jonas olha para mim e agora vejo algumas lágrimas nos seus olhos...

"Aquelas milhares de almas foram salvas naquele grande quebrantamento e arrependimento que ocorreu em Nínive..."

"Se o Senhor tivesse feito como eu quisera, elas não estariam aqui..."

...

O grande coral de Ninivitas então passou a cantar e todos paramos para ouvir maravilhados...

No canto do olho todavia eu observava Jonas...

Ele silencioso, chorava, mas não era de tristeza, era de puro encantamento...

...

Livro do Profeta Isaías, capítulo 55, versículo 8...:

"Poís os Meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os Meus caminhos", declara o Senhor."

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon



TANTO POR FAZER — THEODORE DALRYMPLE

Jorge F. Isah

Dalrymple é mais conhecido por suas obras de não-ficção, sobre a pós-modernidade, onde aspectos culturais, sociais, educacionais e políticos apontam para um mundo em franca degradação. Ao aprofundar-se nas causas e consequências desse "projeto", a dissociação da sociedade com a realidade torna-se impressionante, mas não impressionável, ao menos para

os "engenheiros" sociais e sua militância histórica e simplória. Tudo precisa ser modificado para se encaixar aos novos tempos, e o começo sempre é com o desmonte da língua e o uso de termos e expressões que, se analisados, demonstrar-se-ão incompatíveis e heteróclitos, para dizer o mínimo.

Cada vez mais, o homem tem se tornado ambíguo ao entregar-se a ideias vagas e atitudes problemáticas, a expô-lo em permanente risco. Não raro, crimes, brutalidade, ataques e mortes têm ganhado o apoio de tantos, enquanto pensar fora das caixas ideológicas é sinal de ameaça e extremismo. Nunca se viu um amor tão raivoso e hostil; e talvez essa seja a maior de todas as provas do declínio humano, a hipocrisia oficial e oficiosa, onde as palavras negam os fatos e atos, e vice-versa. Em suma, a modernidade se especializou em demolir a moral e a tradição, enquanto subestima a responsabilidade individual, inocenta o mal enquanto "demoniza" o bem. Em tempos em que a razão é tão alardeada, o sentimentalismo é a motivação de uma massa disposta a comprar o discurso de que "o importante é ser feliz", mesmo que para isso outros tenham de se "matar" para arranhar a casca dos seus

infortúnios.

O universo de Dalrymple (pseudônimo de Anthony Daniels), como um dos grandes intelectuais modernos, penetra em várias nuances e camadas, e a minha tentativa é resumir, a quem o desconhece, elementos presentes em quase todas as suas obras (li 3, ao todo, além deste); e não há como negar: os seus esforços em colocar no papel tudo aquilo que o establishment quer ocultar, derivam de décadas de trabalho como psiquiatra na África e Inglaterra, onde, inclusive, serviu como médico em penitenciárias. Ele fala do que viu e ouviu; mas, qual o peso disso em nossos dias? Nada que um joguinho de palavras não possa substituir ou camuflar.

"Tanto por fazer", seu primeiro romance, é o monólogo do personagem Graham Underwood, um serial killer, o "Monstro de Eastham", condenado à prisão perpétua por matar e enterrar no próprio quintal 15 vítimas (zombeteiro, alega serem 22). Criado na pobreza e brutalidade, utiliza-se disso para justificar parcialmente seus crimes; o que não o impediu de, na juventude, ler tanto quanto podia os filósofos gregos, os clássicos, e praticamente tudo sobre os assuntos pelos

quais se interessou e descobriu. Em relação à maioria das pessoas, pode-se considerá-lo culto e inteligente; um tipo semelhante, ou alude, ao "Conde Fosco" de Wilkie Collins, "Long John Silver" de Stevenson, e "Juiz Holden" de Cormac McCarthy, todos cruéis e sanguinários a despeito da erudição e intelecto apurado.

Em princípio, pareceu-me o relato de um criminoso, mas, à medida em que se desenvolvia, o tom "humorístico", irônico e sarcástico tomou conta da história. Os argumentos de Graham eram "ipsis litteris" as alegações utilizadas por governos e seus gestores, pela mídia e seus propagandistas, pelos políticos, juristas, professores e toda a "intelligentsia", para anular a realidade e forjar outra segundo o discurso ideológico. A maioria não se apercebe disso, mas Graham notou e, não por acaso, levantou a lebre da contradição e irracionalidade do sistema, capaz de condená-lo pelos mesmos motivos que inocenta outros tantos milhares. Vá lá, nada do que ele diz, ou a maior parte, faz sentido, a não ser para ele mesmo que se considera injustiçado, já que se vê como benfeitor, disposto a fazer o que as vítimas não eram capazes (queriam, mas não podiam, segundo ele), dar-lhes alívio e eliminar um problema

social.

“Não, senhoras e senhores, a conclusão é inescapável: pode-se ser um assassino ético. E eu fui um assim” (pg. 41)

Ao abordar vários aspectos sociais, as relações entre os poderosos e a plebe, tece críticas ao comportamento geral, permeado pelo relativismo moral e a ideologia que tende a minimizar e até mesmo inocentar criminosos confessos. A pós-modernidade criou um mundo impessoal e cínico, irresponsável e injusto, inquisidor e hipócrita. E ao provocar, espera ganhar a compreensão e simpatia da assistência.

Em momento algum, Graham se considera culpado ou demonstra arrependimento; ele é orgulhoso e jacta-se da sua inteligência e cultura, dos seus vícios e crimes, da racionalidade, da ausência de sentimentalismo, tem ares superiores, despreza qualquer um com facilidade, faz analogias e compara situações que desnudam o rei, enquanto todos continuam a vê-lo vestido.

“Eu sou moralmente superior a vocês porque, como o médico que pratica a eutanásia, eu não mato ao acaso; eu escolho quem deve morrer pelas minhas

próprias mãos, de acordo com critérios racionais e humanos... vocês matam como o louco que entra num supermercado e massacra os clientes até que ele seja subjugado ou mesmo executado.” (pg. 60)

Aqui, médico e assassino se juntam em um mesmo propósito, e se um pode ser justificado socialmente, por que não o outro? No frígir dos ovos, aborto, eutanásia e homicídio são faces da mesma moeda. E tudo isso reafirma o seu ponto: ele é a vítima, ou mais um a vitimizar-se; o algoz, a sociedade. Onde mesmo já lemos e ouvimos isso?

Dalrymple detalha-o com esmero e cuidado, tal qual se biografa um progressista, um ativista, ou o mero replicador urbano. Graham é vegetariano, ateu e ecologista. Se considera íntegro, consciente, livre, ético, herói, e no direito de matar sem ter de dar satisfação.

“Permanece uma única possibilidade, portanto, para explicar a legitimidade da transformação do cidadão normal em um assassino aprovado: que alguém pode legitimamente se tornar um assassino desse tipo quando, e somente quando, ele julgar que é certo fazer isso.” (pg. 41)

Ao se utilizar da mesma retórica vigente e comumente alardeada na educação, administração, mídia, artes, academia e *tutti quanti*, ele tenta em si o antídoto que neutralize o veneno enquanto morre. Seu jogo não é probatório da razão; é tomar do sistema as armas com as quais ele o atacará ou, em última instância, o fará igual a todos, e tornará todos iguais a si. Não existe a verdade, mas quem se apregoa verdadeiro, mesmo na enxurrada de mentiras e falácias.

“Não que eu espere que alguém tome conhecimento de minhas ideias, eu não sou tão ingênuo a ponto de pensar nisso. Um profeta não só não é honrado em sua própria terra, mas em sua própria época.” (pg. 105)

Graham expõe a estupidez, de maneira hilária, das chamadas lutas pelas minorias. Em dado momento, o “lobby canhoto” exigiu das autoridades o direito de aposentar-se antes dos destros, porque segundo os dados (sempre as tais estatísticas das quais nunca se sabe nada) os canhotos viviam dez anos menos que os destros; o retrotreinamento dos falsos destros em verdadeiros canhotos, a fim de reconquistarem a pró-

própria identidade; e, por fim, acabar com a linguagem ofensiva manidestra, "e eliminar do departamento: termos como sinistro e gauche, carregados de conotações depreciativas a respeito dos canhotos e do canhotismo." (pg. 111). Trocar a expressão "He left his flat" por "He vacated his flat" ou "He leaved his flat", já que "left" em inglês serve tanto para designar o verbo deixar e o substantivo esquerda, é o teste máximo a sujeitar a maioria.

O fato de se dirigir aos leitores como "senhoras e senhores" demonstra como está a utilizar de eufemismo, assim como o mainstream insiste em enfiar goela abaixo da sociedade regras e normas descabidas, tudo em nome de uma suposta igualdade e justiça.

O seu desprezo é notório:

"Elas (as pessoas) têm a força de um touro, o cérebro de um frango e a moral de uma hiena"
(p. 131)

Os argumentos se seguem, entre choro e ranger de dentes, e Dalrymple escreve, pelas mãos de um serial killer, a insanidade, o misto de burrice e insolência, com

as quais se quer reconstruir este mundo. Nisto, acerta em cheio. Porém, as ideias e teses de Underwood se repetem, repetem (talvez, efeito pretendido pelo autor), e a maluquice "lógica" do bandido parece opiniões saídas de telejornais e dos apologistas do mal: pedagogos, juristas, terapeutas, e tantos outros incapazes de perceber a ferida e o sangue após atirarem nos próprios pés.

O romance poderia se chamar filosófico; e trata do homem na busca incessante por revoltas e motins, e acaba por se tornar, ao mesmo tempo, vítima e carrasco.

O Éden pós-queda se repete, repete, e quase não se consegue mais sair dele.

Avaliação: (***)

Autor: Theodore Dalrymple

Editora: É Realizações

Páginas: 184

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com



Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

TÊ-LOS OU NÃO?

Helvécio S. Pereira

Uma olhada rápida nos textos e biografias de diversos filósofos e outros pensadores ao longo da história conhecida (sim, há muito mais do que não foi preservado e destinado às gerações futuras, e jamais saberemos), que esses sujeitos tinham um olhar deciddidamente pessimista sobre a realidade. Não salta de seus textos alegria e otimismo. Quando o há, é tênue e não pode ser traduzido por satisfação e entusiasmo. Quando a alegria se manifesta e se apresenta, é contida ou calculada para não ser confundida com tolice.

Para os antigos gregos, escrever era pensar e mais: para eles, os seres humanos só existem para pensar, algo que parece uma realidade cada vez mais distante quando temos acesso contínuo às tolices humanas, traduzidas em falcatruas e crimes hediondos. Não se trata de discutir ou analisar a ética e a moral desses anormais. Eles são mesmo idiotas! Basta ver do início ao fim do que planejaram, intentaram, e constatar que não poderia dar certo e que eles não se safariam. Pior do que ser declaradamente do mal é ser burro.

Bem, eu e meus amigos escritores, temos essa marca, a de sermos realistas, e, como Nelson Rodrigues, nas nossas individualidades, olhamos para a realidade e tentamos revelar as suas terríveis sombras, que não são poucas. E hoje, este texto não é diferente. Por favor, não se assuste, pois, como dito, toda mentira é palatável, doce, enquanto a verdade é amarga.

Todo ser humano, de alguma maneira (claro, deve haver exceções e elas são e deveriam ser louváveis), é arrebatado pelo sexo. O motivo é óbvio, somos de certa forma programados para tal. Afinal, morremos e, por razões também óbvias, devemos todos, como espécie, repor, a contento e a tempo, os que natural ou desastradamente morreram, embora o egoísmo das novas gerações as mova para a metade do processo: "furunfar" pelas mais estranhas razões. Não querem ter filhos, e muitas mulheres não têm sequer coragem para tê-los. Olhe que não estou teorizando, conheço mulheres que não terão filhos, jovens, atraentes, inteligentes, sexy! As razões vão desde uma ideia estúpida e egoísta até um acidente, bastante comum, de muitas jovens terem de extrair o útero talvez por uma vida sexual precoce, livre e com parceiros irresponsáveis, que carregam em si vírus como o HPV e

outros, e os transmitem à coitada da mulher que, em troca, talvez só tenha virado os "zoinhos", e com certeza não foram todas as vezes. Mas este texto não é para esse grupo que, por diversas razões, decidiu não ter ou adiar a procriação por tempo indefinido. Esta reflexão é para os que desejam ter filhos, talvez ardentemente. Não quero desanimá-los na empreitada, mas fazê-los ver, sem ilusões, o final previsível.

Primeiramente, filhos dão muito trabalho, isto é indiscutível e bastante óbvio. Filhos fazem você sentir medo como jamais sentiu na vida. Eles adoecem, engasgam, têm febre, e ficam quase paralisados; e por incontáveis vezes. Filhos também não são iguais entre si. Filhos, podem parecer com os pais, mas os pais devem estar preparados para o fato de serem bastante diferentes, embora fisicamente alguém diga que se parecem. Filhos jamais te recompensarão na exata medida em que você se deu a eles. Claro, há honrosas exceções, de filhos e filhas que fizeram de tudo para cuidar dos pais e dar-lhes mais do que receberam, mas não constituem a regra, nem mesmo há uma similaridade entre os sacrifícios de uns e outros. Lembrando que não estou teorizando, no momento em que escrevo essas linhas, vou me lembrando de cada caso real, com nomes e endereços e, se bobear, o número do CPF.

Claro, existem certas culturas em que há valores a obrigar os filhos a serem mais decentes e reconhecidos, mas não é o caso da cultura brasileira, uma verdadeira "colcha de retalhos" cada vez mais feita de farrapos. Há também o fato de pessoas de uma família, por características absolutamente únicas, desenvolverem relações extremamente louváveis e amorosas... Filhos adotivos que se mostram melhores que filhos biológicos. Afinal, cada pessoa é uma pessoa e reage às situações da vida de forma quase única.

Mas prossigamos: os filhos não seguirão você, não pensarão como você, não concordarão com você. Por se acharem mais espertos, pela ilusão e preconceitos, se acham no direito de "colocar o traseiro na janela". Poucos são os casos em que pais são ou foram mais cultos que os filhos. Por esse simples motivo, a prole cometerá os mesmos ou piores erros que os pais. O que é fundamentalmente um contrassenso, pois reinventar a roda a cada geração é não só perder tempo, como literalmente andar para trás.

Bem, se fizer as contas, do ponto de vista emocional, é mais gratificante criar cachorros, gatos... etc. Hoje há quem crie jacarés em casa, serpentes gigantescas, sapos, pássaros, grandes mamíferos como bois, vacas, cavalos, que circulam pela cozinha e até acompanham o

"papai" no futebol de domingo e a "mamãe" no TikTok. Onças, leões, tigres, hienas, lobos... Nenhum deles se torna ingrato como filhos. Nenhum deles torcerá para um time de futebol que não seja o seu. Zombará da sua fé ou não reconhecerá todas as situações em que, se não fossem os pais, não estariam neste mundo gastando irresponsavelmente a vida e a herança antes do tempo, como o jovem da parábola do filho pródigo.

Ter filhos é como ir à Lua ou a Marte. Uma jornada em que os desafios superam os prazeres que são relativos. Já explico: ver o sorriso de um filho e ter prazer em vê-lo é subjetivo, mesmo que você não aceite isso. Cuidar do braço quebrado, por causa de uma estripulia, é algo objetivo; você tem de arcar com os custos, remédios e noite mal dormida. Tão objetivo quanto ter a notícia e o desprazer de todas as muitas "cacas", das menores às maiores, que eles farão na vida.

Então, não os ter, significa: quem cuidará de nós na velhice?

Alguns, o farão por dever, com as mesmas palavras melosas com que os consolamos na infância. Seremos crianças grandes e idiotas, e eles rindo para você, ou de você. Quem nos enterrará? Sinto em dizer que não serão eles, mas os anônimos e desconhecidos coveiros.

A essa altura, você pode estar dizendo: que bicho o mor-

deu? Que decepção o fez ficar tão ácido? Já respondo: algumas dessas questões, com pouquíssima variação no grau de surpresa, já sabia, embora não pensasse muito. Mas, calma! Não escrevi para desanimar os jovens casais cheios de hormônios, para abandonarem a ideia de ter filhos. Tenha-os pelas razões certas! Os filhos são herança de Deus. Sejam filhos de pais que amam e conhecem a Deus, como de pais incrédulos e pagãos. Deus olha para a humanidade e vê todas as gerações, todas as pessoas, homens e mulheres. E cada um que nasce, Deus poderá usá-la, essa única pessoa, a proporcionar algo bom e importante no mundo. Alguns, para a coletividade. Outros, para alguém individualmente, seja parente, amigo, e até mesmo um desconhecido. Você está se esquecendo dos que fazem mal? Destroem, matam, roubam, mentem? Sim, o contrário pode ocorrer; é o caso de assassinos, ditadores, loucos. Mas isso não é problema nosso. A nossa percepção não alcança muito além de nós mesmos.

O que muita gente não sabe, deve acordar e saber, é que se você despreza os objetivos de Deus, você é inimigo de Deus. Jovens cristãos que não querem ter filhos por razões egoístas estão objetivamente contra os planos de Deus. Através de Abraão, todas as famílias da Terra

seriam abençoadas, foi o que Deus disse. Mas, como se Abraão teve apenas um filho? Na verdade, foram dois, mas a bênção seria sobre a descendência de um deles. Não foram os camelos e juntas de bois, as ovelhas e o ouro de Abraão que chegaram até nós, mas os filhos dos filhos dos filhos dos filhos... após ele. E a lista de memoráveis é hoje conhecida e comprova esse fato. Poderia escrever muito mais, mas a Bíblia traz a ideia de que tudo que não provém da fé é pecado. Muitos, hoje, não querem ter filhos por estarem em uma condição de egoísmo exacerbado, mas também por não compreenderem as implicações nos planos de Deus. Independente de religião ou clareza teológica, nossos pais creram de alguma forma que era o certo a se fazer. A recompensa, pode-se dizer, foi justamente ver o rosto deles em cada um de nós. Honrá-los é fazer, minimamente, o mesmo.



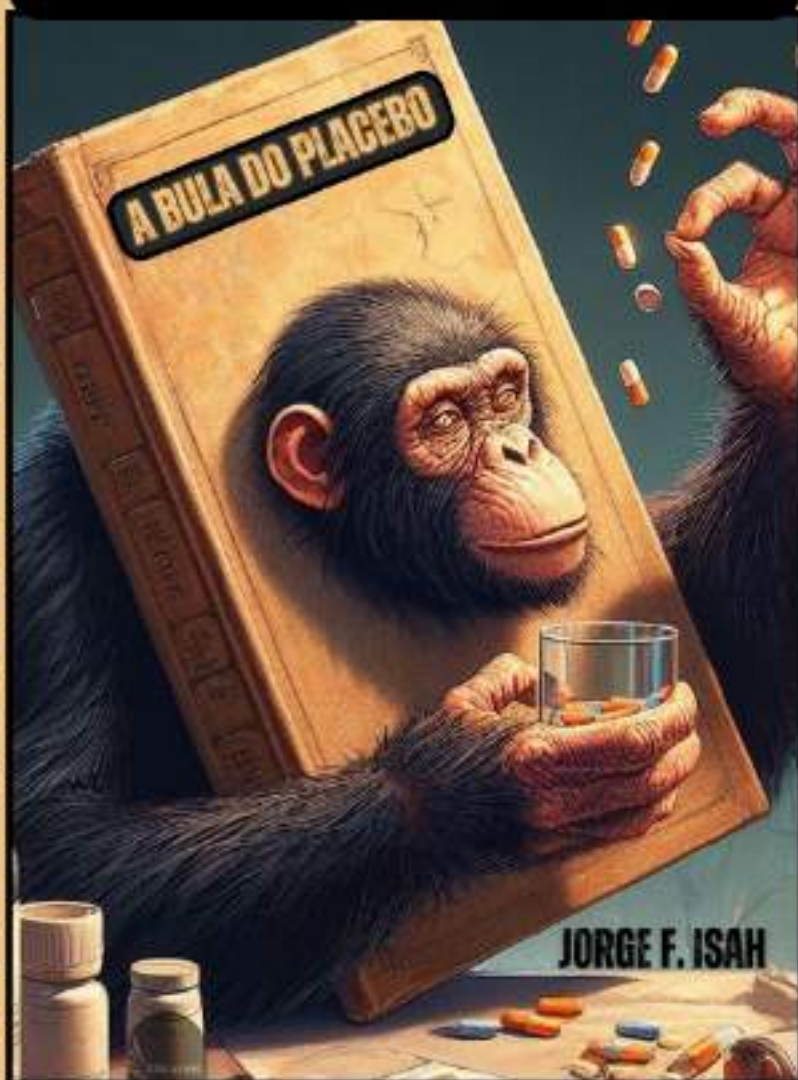
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo se tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez, você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!
NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

Tem muita gente que se esquece que na cruz foi pregado Jesus, e passam a adorar esse objeto como se fosse um amuleto da sorte, esquecendo-se dEle.

Jesus nunca falou que a vida do cristão seria moleza, muito pelo contrário: asseverou que seriam odiados, perseguidos, mortos, mas os que permanecessem firmes até o fim seriam salvos.

O problema é que tem muita gente que nem sabe o que significa a salvação. Não acreditam em uma outra vida, pois acham que tudo se resume nas promessas deste mundo, que na maioria das vezes nem se concretizam, preferindo acreditar em vigaristas que difundem uma falsa prosperidade, mas é neste ponto que nos cabe perguntar: vivemos neste mundo para sofrer? Somente os que sofrem serão salvos? Precisamos recusar o que há de bom nesta vida? Muitos fanáticos pensam que sim, mas eu digo que não. Mas não vou dizer a razão: deixe de ser preguiçoso, leia a Bíblia e tire suas conclusões.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, sou advogado, fiz mestrado e doutorado em Direito Constitucional e agora vejo que foi tempo perdido, pois as regras foram mudadas por única "autoridade" que simplesmente desconhece as regras. Não sei mais o que faço.

Nelson – Já pensou em estudar gastronomia?

Estou gostando de uma menina que parece ser minha alma gêmea, e gosta de tudo o que gosto, inclusive de meninas. Será que essa relação tem futuro?

Nelson – Só vejo um futuro: se você quiser mesmo levar essa relação adiante, terá que virar mulher.

Nelson, o meu pai cortou a minha mesada e ouvi dizer que posso le-

vá-lo na justiça para garantir o meus direitos. Ele alega que é um absurdo ter que pagar mesada para um filho de 43 anos.

Nelson – Do jeito que andam as coisas, pode até ser que você vença essa ação.

Eu e meu marido resolvemos adotar um bebê reborn, mas temos medo de enfrentar o preconceito das pessoas, que estão muito intolerantes. O que você acha?

Nelson - Acho que para isso vocês precisam passar pela experiência do parto. Introduzam esse bebê em seus respectivos fiofós, começando pelas perninhas. Depois é só fazerem força para representarem essa situação, cada qual curtindo a sua vez.

Nelson, meu namorado é muito ciumento e desconfia que todos os homens que se aproximam de mim irão transar comigo. Já não sei mais o que fazer.

Nelson - O seu namorado precisa sentir-se mais seguro. Transe com todos os homens que se aproximarem de você, e assim ele não terá mais desconfiança, mas certeza.

Eu sou milionário, mas toda a minha fortuna não tem, para mim, qualquer valor.

Nelson - Passe tudo para mim.